

desdobramento de suas funções e o aprofundamento da sua influência, a arte não tende a se deixar absorver pela vida ou a 'perder a sua essência em proveito da técnica': tende a assegurar cada vez mais a sua sobrevivência".

Cada vez mais a visão do mundo peculiar aos arquitetos se amplia. Não com a mesma velocidade em que flui a vida. Mas se amplia na medida em que o pensamento idealista vai perdendo as suas bases dentro da sociedade.

Os jovens arquitetos brasileiros exibem hoje uma atividade artística que está cada vez mais longe de condená-los à vida isolada do velho conceito de artista.

Ao contrário, avançam, com as características de uma formação universitária que é de novo tipo, para a interpretação da história e seu aproveitamento em termos novos, para o conhecimento científico das ciências econômicas e das ciências sociais, que poderão transferir para a formação de sua consciência de artistas. Mas como artistas, também, e muito especialmente, invadem todos os setores das artes visuais, enriquecendo-se com uma experiência plástica de que um futuro próximo mostrará a importância. É inevitável que alguns se desencaminhem para posições aristocráticas e antiquadas, mas serão estes sempre uma minoria. A grande maioria, os melhores expoentes, constituem hoje uma corrente cujo caminho nos permitimos prever. Caminharão passo a passo no trabalho quotidiano. Como queria Paul Longevin: "O pensamento nasce da ação e, num espírito sadio, volta para a ação."

- Vila Nova Antigas - Caminhos da  
Arquitetura. São Paulo, Peri/Fundação  
Vila Nova Antigas, 1986.

AVH 117 - ~~semanal~~ texto de referência

## ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO\*

O repertório de formas que os arquitetos empregam na organização do espaço das habitações é diferente do que empregam para outros programas. Fácil de afirmar, isto. Nem faltam justificativas, todas elas repetidas com frequência, gastas pelo uso. Entretanto, trata-se de questão que merece maior exame.

Construir foi, para o homem, primeiramente, construir sua habitação. Alojarse no espaço, dominá-lo como parte da natureza. Num belo ensaio sob o título *Construir, habitar, pensar*, Heidegger junta elementos para a prova dessa afirmação. Na língua alemã, o verbo *construir*, nas suas formas lingüísticas mais antigas, exprime também *habitar* e *ser*. O anglo-saxão primitivo *era* porque habitava a sua construção. Anglo-saxão porque é fácil verificar que o que vale para a língua alemã aplica-se à inglesa.

*Construir*, em alemão, é *bauen*, que tem a mesma origem de *ser*, revelada na forma *bin* (sou). As formas lingüísticas para habitar, habitação, perderam-se para a definição atual de casa, mas permanecem algumas formas lingüísticas que servem para a prova, como, por exemplo, a palavra *vizinho* — *nachbar* (a construção ao lado, o ser que habita perto, a construção do outro). A partir da habitação, teria o homem primitivo transposto sua não menos primitiva "soleira" para apropriar-se do espaço em escala mais ampla. A outra margem de um rio passa a fazer parte do espaço da habitação através de uma ponte.

(\*) Texto publicado originalmente no catálogo da IX Bienal de São Paulo, e reproduzido na revista *Acrópole*, n.º 368, São Paulo, dezembro de 1969.

Daí, por caminhos não tão simples como os desse resumo, poderemos concluir que a ponte, a estação, o aeroporto, não são habitações, mas complementos, objetos complementares à habitação através dos quais o espaço da habitação se universaliza.

A cidade é uma casa.

A casa é uma cidade.

A arquitetura moderna gosta de definir-se como arte de organizar o espaço para a vida humana. Portanto, as conclusões possíveis a partir daqui poderão fluir no grande rio das melhores perspectivas dos arquitetos de todo o mundo.

Voltemos ao desenho das casas.

Parece que ele deveria ser o ponto de partida para os outros desenhos, numa visão mais radical, que procurasse restabelecer o relativo desprezo em que a residência é tida — obra menor, irrelevante. Nem tanto. Nem tão pouco. À medida que vão sendo substituídas velhas concepções sobre o mundo e a vida, à medida que vão sendo reorganizados os dados da realidade, tanto da realidade da natureza como da realidade da sociedade, velhas formas e símbolos arquitetônicos vão desaparecendo. Estações, bancos, estádios e pontes, também, vão aos poucos aceitando novos tratamentos formais para um encontro com a casa. Encontro com a casa na cidade para construir com ela a casa da nova sociedade que desponta como consequência inevitável do conhecimento cada vez mais profundo que vamos tendo, do mundo e das relações entre os homens. Está procura de racionalidade não tem fim, e nos mantém em constante experimentação; a experimentação específica das artes é também a que é privativa da ciência e da tecnologia, aplicadas à arte de construir.

Os arquitetos brasileiros têm dado uma contribuição valiosa nesse sentido. Há uma grande riqueza de propostas, modelos e ensaios que caracterizam a vivacidade da arquitetura brasileira para a pesquisa tecnológica e artística que lhe cabe exercitar no universo da cultura. No que se refere à casa, vale a pena lembrar alguns pontos de partida e algumas noções abandonadas. Quando era acirrada a campanha modernista para racionalizar os critérios de repartição do espaço das casas, no começo deste século, os arquitetos paulistas, com Alexandre de Albuquerque na frente, introduziam no velho Código de Obras da cidade a obrigatoriedade de orientar as casas de acordo com os caminhos do sol.

Complicação incrível para os recursos de desenho da época. Que admiração merecem estes pioneiros! Certamente é possível limitar o significado de iniciativas deste tipo, vendo-as tão-somente como resultado da preocupação que a sociedade da época tinha com

a higiene em geral. Devemos, porém, emprestar-lhes significado bem maior, pois constituíam critérios científicos para racionalizar o uso do espaço, que aos poucos foram gerando outros até constituírem a soma dos que hoje empregamos.

Caminho lentamente palmilhado. O velho código exigia também outros critérios de funcionalidade, que abandonamos e hoje até nos repugnam. Por exemplo: diferenciava a casa paulista em três categorias: casa residencial, casa popular e casa operária, cada uma das quais devia ter área mínima para quartos, salas e demais instalações. Não cabe dizer que, porque nos repugnam, não existem na prática. É outra questão, para a qual a racionalidade procura resposta num âmbito mais amplo, que não é estranho aos arquitetos com a absorção crítica dos critérios criadores e o esforço para abandonar velhas concepções do mundo. As formas novas de arquitetura da casa vão sendo descobertas e uma nova linguagem formal vai surgindo da experimentação científica e artística que vimos fazendo como contribuição cultural brasileira.

No ensaio de Heidegger, destaca-se a casa como criação. A cidade industrial é a casa da sociedade nova. Elas criam-se mutuamente aos poucos. Vemos, quase todos, a cidade como obra de arte. Discordo das posições que escondem o lado artístico e criador do urbanismo e aceitam uma espécie de colonização pela ciência, revelada no processo de limitar à coleta de dados na "natureza" social a organização dos padrões para a forma urbana. Acabam num estruturalismo imobilista. Estão para a cidade, como a construção para a casa. A construção só existe como tal, enquanto a humanidade não pode desenvolver plenamente sua criatividade. Certamente os obstáculos para transformar uma atitude em prática, em ação, são grandes. Mas importante é a atitude.

As cidades como as casas.

As casas como as cidades.